



○
CENTRO CULTURAL
CÂMARA DOS DEPUTADOS
APRESENTA

ILUMINADOR
DE ARTE
DE RONES DUMKE



O CENTRO CULTURAL CÂMARA DOS DEPUTADOS
APRESENTA

ARTE LUMINADORA DE RONES DUMKE

A luz, num sentido alegórico, representa o entendimento, pois quando a luz nos é dada, todas as coisas nos são esclarecidas. Podemos ver os objetos em nossa volta, nos situar em relação a eles e fazer o melhor uso segundo nossa consciência.

A presente mostra — A ARTE ILUMINADORA DE RONES DUMKE — contempla essa ideia, no sentido de representar um fazer artístico que está a serviço do entendimento intelectual da arte.

As obras que compõem este pequeno acervo representam uma parte da trajetória de um meticuloso relojoeiro do desenho, da pintura e da colagem, que fez de sua manifestação artística um meio pelo qual suas ideias brilhassem.

O rigor de sua arte, paciente e desinteressada em mais de quatro décadas, seguiu um desenvolvimento coerente e linear, passando por diversas fases e acumulando os mais variados estilos, que vão da pop arte ao surrealismo clássico, numa forma muito peculiar de exprimir um universo mental inteligente.

Trata-se de uma arte refinada, para um público culto, pelo teor agudo de sua mensagem, mas que também alcança a simplicidade do olhar comum, pela beleza das formas e pela riqueza de detalhes que agradam a alma.

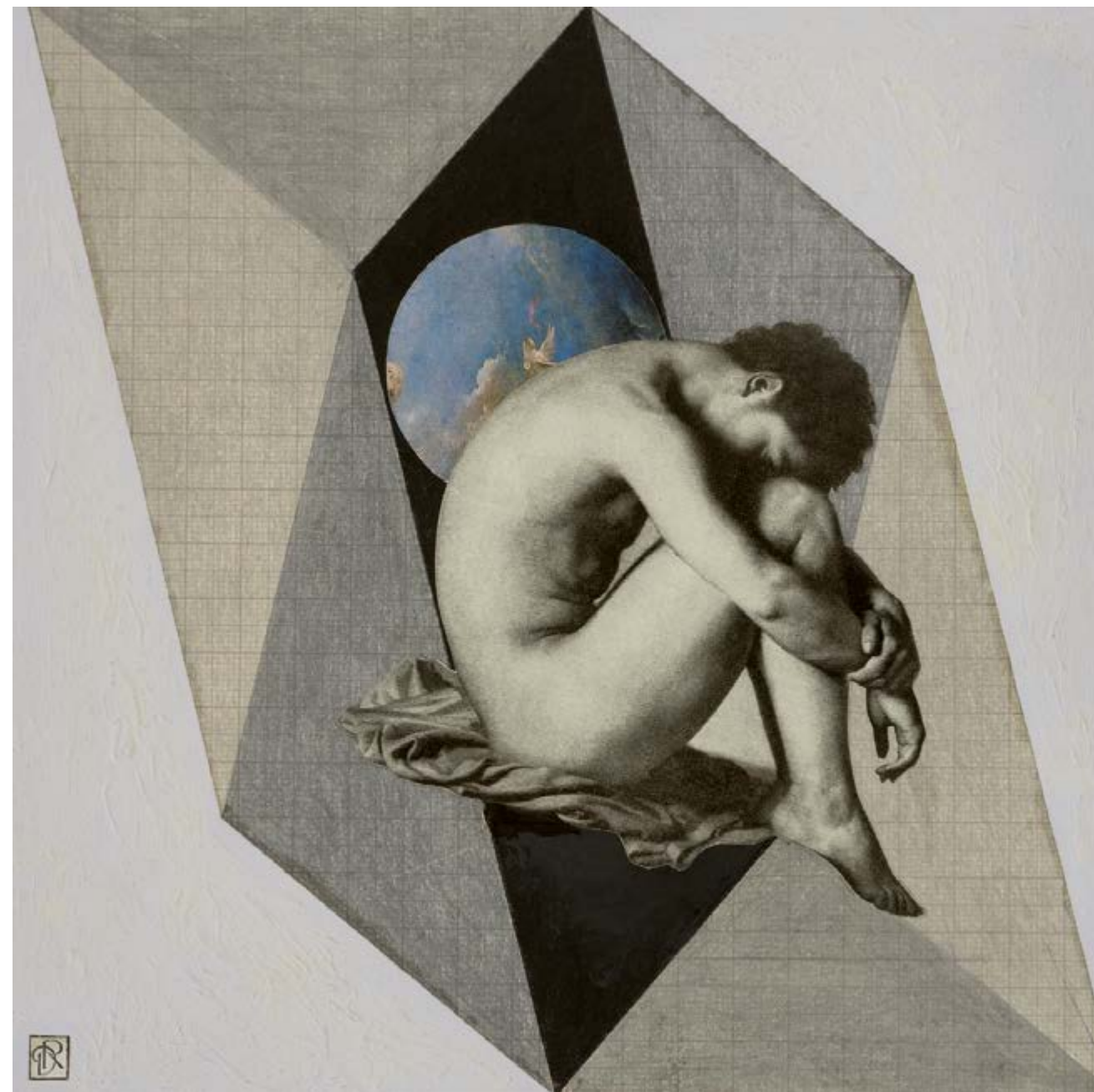
Como dizia Leonardo Da Vinci, a arte é *cosa mentale*, querendo com isso lembrar que ela envolve uma alta atividade espiritual na construção de uma composição que visa à perfeição, especialmente no que diz respeito ao uso elaborado e consciente da geometria.

Em Rones isso é francamente perceptível pelo esmero com que trata cada um dos elementos que lhe caem à mão. E o que temos, então, nessa reunião de atributos, é um verdadeiro poema de imagens, confeccionado por um fino artesão que elabora, uma a uma, as visões que saem de sua mente e as organiza numa construção harmônica, tanto ética quanto estética.

Seu universo mental rico e abrangente modela com maestria a fertilidade imaginativa de uma percepção inquieta, sempre atenta aos movimentos e às transformações culturais do mundo contemporâneo.

Ao promover a exposição de Rones Dumke, a Câmara dos Deputados presta, assim, um justo tributo ao artista das ideias, que muito bem soube representar a arte paranaense bem além de suas fronteiras.

EDUARDO BEIRITH
CURADOR



O CASTELO FILÓSÓFICO
Gravura | 51 x 51 cm | Edição 1/7
2015
Série "Metafísicos"

O ARTIFÍCIO DA CORTESÃ
 Gravura | 51 x 51 cm | Edição 1/1
 2015
 Série "Metafísicos"



O TALISMÃ DA SENTINELA
 Gravura | 51 x 51 cm | Edição 1/1
 2015
 Série "Metafísicos"

O MOVIMENTO PERPÉTUO
 Gravura | 51 x 51 cm | Edição 1/1
 2015
 Série "Metafísicos"



A OXIGENAÇÃO DO ENCANTO
 Gravura | 51 x 51 cm | Edição 1/1
 2015
 Série "Metafísicos"





O tempo é a imagem móvel da eternidade imóvel, disse o filósofo Platão. E no século V d.C., Santo Agostinho escreveu: *O tempo é como um rio repleto de ocorrências. Sua correnteza é forte. Acaba de ocorrer algo e já é levado embora.*

As colagens de Rones Dumke descrevem a “aventura humana”: a história do homem, desde o desenvolvimento do apreender o objeto até a excelência da atividade manual, como bem descreveu Otávio Duarte num de seus poemas:

*Giro o parafuso, comprimo a mola, engreno a roda.
Aqueço a fornalha, represo a água, movimento as usinas.*

A mão marca no objeto o conteúdo do intelecto. O caminho de ambos é o do manual ao mecânico, do artesanal ao industrial, do analógico ao digital.

O “giro do parafuso” de Duarte é acompanhado pelo Ciclo da Cidade da Arte e da Manufatura: o Hermes Côncavo, de Rones. A saudosa máquina de escrever há tempos foi substituída pelo computador. Não mais datilografamos as palavras, digitalizamos-as. E Rones também substitui o ato de gravar, na madeira, na pedra ou no metal, pelos meios mecanizados da fotocópia e da imagem digitalizada.

Suas gravuras são colagens digitais, que partem do procedimento manual para o digital. Quando a colagem surgiu, em 1912, com a experiência cubista, a intenção era fazer o real se tornar ilusório. O mundo contemporâneo já compreendeu que tudo é ilusório: vivemos o momento do simulacro, em que o espectador da obra é tão artificial quanto a obra observada. Dessa maneira, a colagem se tornou elemento fundamental do universo pictural, do universo da representação. Tudo é colagem, tudo é simulacro.

As colagens de Rones Dumke se apropriam de outras gravuras, geralmente aquelas de um mundo antigo, do tempo mesmo da clepsidra*. São xilogravuras, calcogravuras, litogravuras, normalmente tomadas na sua reprodução de

*Clepsidra: há um termo antigo que faz referência aos relógios d'água (relógio e água, tempo e fluidez), a querer medir o tempo que passa. Mas o significado completo do termo era “relógio de água para marcar o tempo atribuído aos oradores”. Como água, que escorre quando circula pelo relógio, Clepsidra então representa essa passagem do tempo, como a própria passagem da vida.

origem tipográfica ou impressão mecânica. Simulacros, elas reafirmam em nós essa consciência de “arte em segundo grau”, provocada pelos movimentos ditos “pós-modernos”. Uma consciência do esgotamento das possibilidades modernas. São formas de hibridação bastardas (como em Rauschenberg), reposta às complexidades do conhecimento e às complexidades dos problemas sensíveis. Do real quase bruto dos surrealistas, Rones passa a uma mistura da cultura e do cotidiano através da técnica sofisticada (nele) do tratamento digital – mas ainda assim gravura.

Os sintomas “neo” ou “pós”, usuais na história da pintura, da literatura ou da música (e mesmo de outras artes), são características desta arte em segundo grau – uma espécie de memória da arte, de arte na arte. Desde os anos 80, a arte cita a própria arte, numa forma de intertextualidade, por vezes tecendo um discurso sobre a criação artística. Em Kandinsky, Mondrian e Malevich, a arte criava suas próprias formas. No artista contemporâneo, ela cria formas citando outras formas, revisitando uma história que é a própria história da arte.

Rones se concentra no símbolo e na narrativa, na relação entre o passado e o presente, a memória e sua perda, a vida e a morte. Lembra um projeto acadêmico de sublimação da história. Mas ele busca a universidade da forma, que foi esquecida pelos modernistas.

Há uma forte tendência da arte do século XX em ressuscitar o “classicismo” nas suas mais diversas formas. Por vezes isso é entendido como um recuo conservador (como a “volta à ordem” pós-cubista, de Jean Cocteau). Mas em outros casos é notado apenas como apoio em “valores tradicionais”. Banida da arte contemporânea, a ideia de beleza foi buscar refúgio na publicidade e no *design*. Mas é o historiador da arte Edward Lucie-Smith quem nos lembra *que os valores clássicos na arte estão vinculados, na maioria das vezes, a uma adoração direta do corpo humano...*

Este projeto de Rones, que faz parte de um projeto universal, nasceu nos anos 70 como um desafio das vanguardas, mas

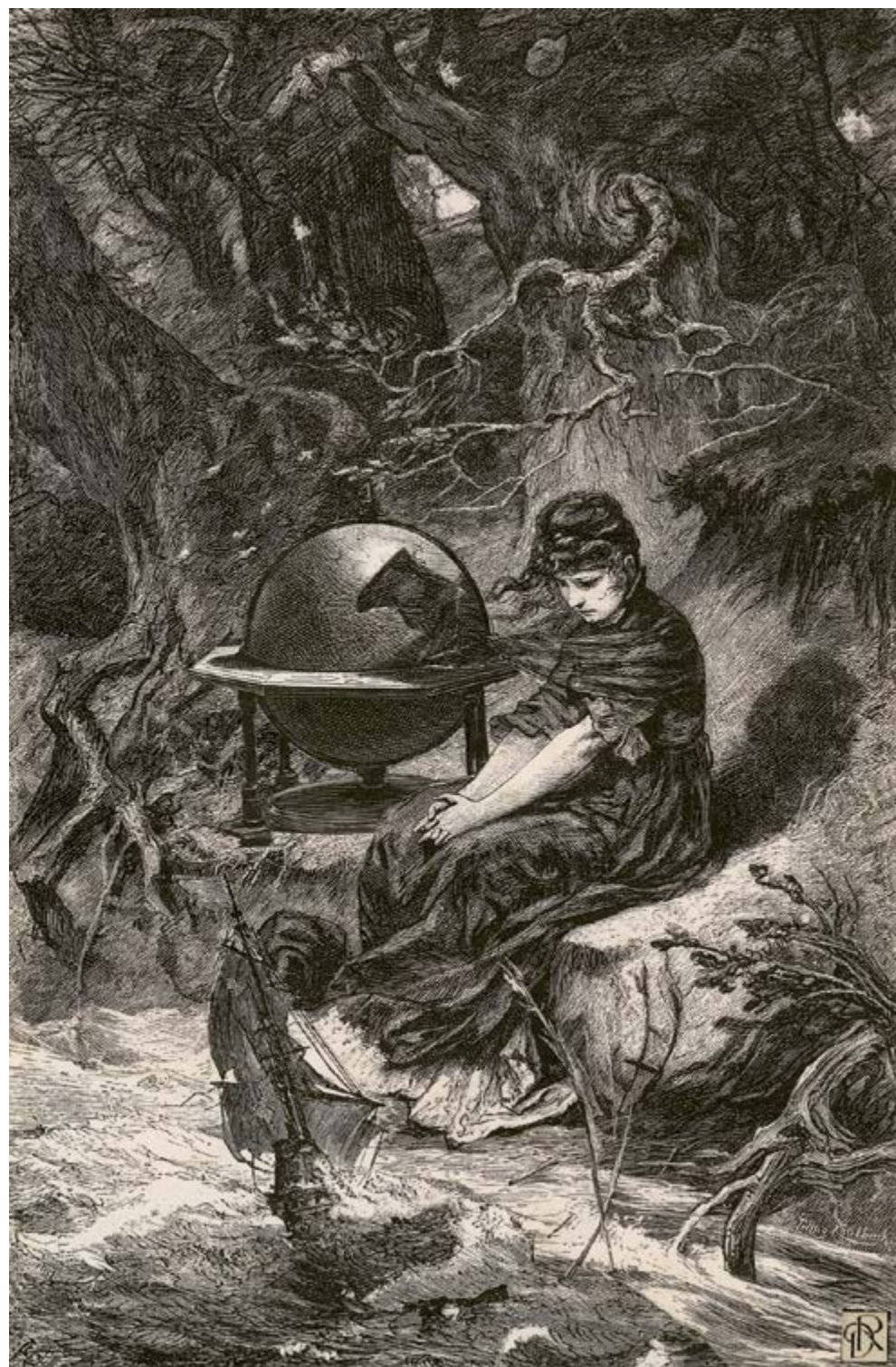
com o rigor de uma preocupação simbólica característica da pintura essencialmente intelectual. Clássico – isto é, cujo valor foi posto à prova do tempo –, é uma análise do ver, tendo a arte como uma estrutura de linguagem que fale de si mesma, como uma citação.

Apesar da grande semelhança com o método surrealista de Max Ernst na construção de suas colagens, não é o objeto ridículo que atrai a atenção de Rones Dumke. Historicamente ele está mais próximo de Giorgio De Chirico, que se rebelou contra o modernismo ainda nos anos 20. Rones retira seus personagens de uma mitologia atemporal, o que confere a suas gravuras um sabor mágico e metafísico (como em De Chirico).

Rones sempre foi afeito à figuração, desde suas pinturas dos anos 70, caracterizadas pela crítica e historiadora da arte Adalice Araújo como “*pittura colta*”. Esses anos 70 no Paraná foram de um retorno à figuração, do rompimento com a abstração que marcou toda a década de 60. Procurando a harmonia e a serenidade, mas sem abandonar o monumental e o solene da figura humana, Rones volta-se em direção à ética e à estética do classicismo. Depois do minimalismo e da arte conceitual, em forma ou ideia, não poderíamos fugir de uma obra de luto pela beleza.

A sua precisão quase obsessiva, o rigor, as formas bem trabalhadas, *o conteúdo moral produzem uma nostalgia mágica, uma impressão de estranheza, esta beleza que vem do abismo*, segundo Buci-Glucksmann...

A arte contemporânea carrega traços dessa melancolia, de uma atmosfera de sonho onde os seres são perfeitos, de um paraíso perdido – e por isso este luto impossível, sem redenção, esta sensação de perda sem se saber ao certo qual foi o objeto perdido. O que restou foi a ruína e o fragmento, a melancolia do pensamento, como diria Ficino, que nos conduz à meditação e à reflexão.



A INFLEXIBILIDADE DE PENÉLOPE

Gravura | 51 x 33,5 cm | Edição 1/1

2015

Série "Clepsidra"



AMORES ÓTICOS

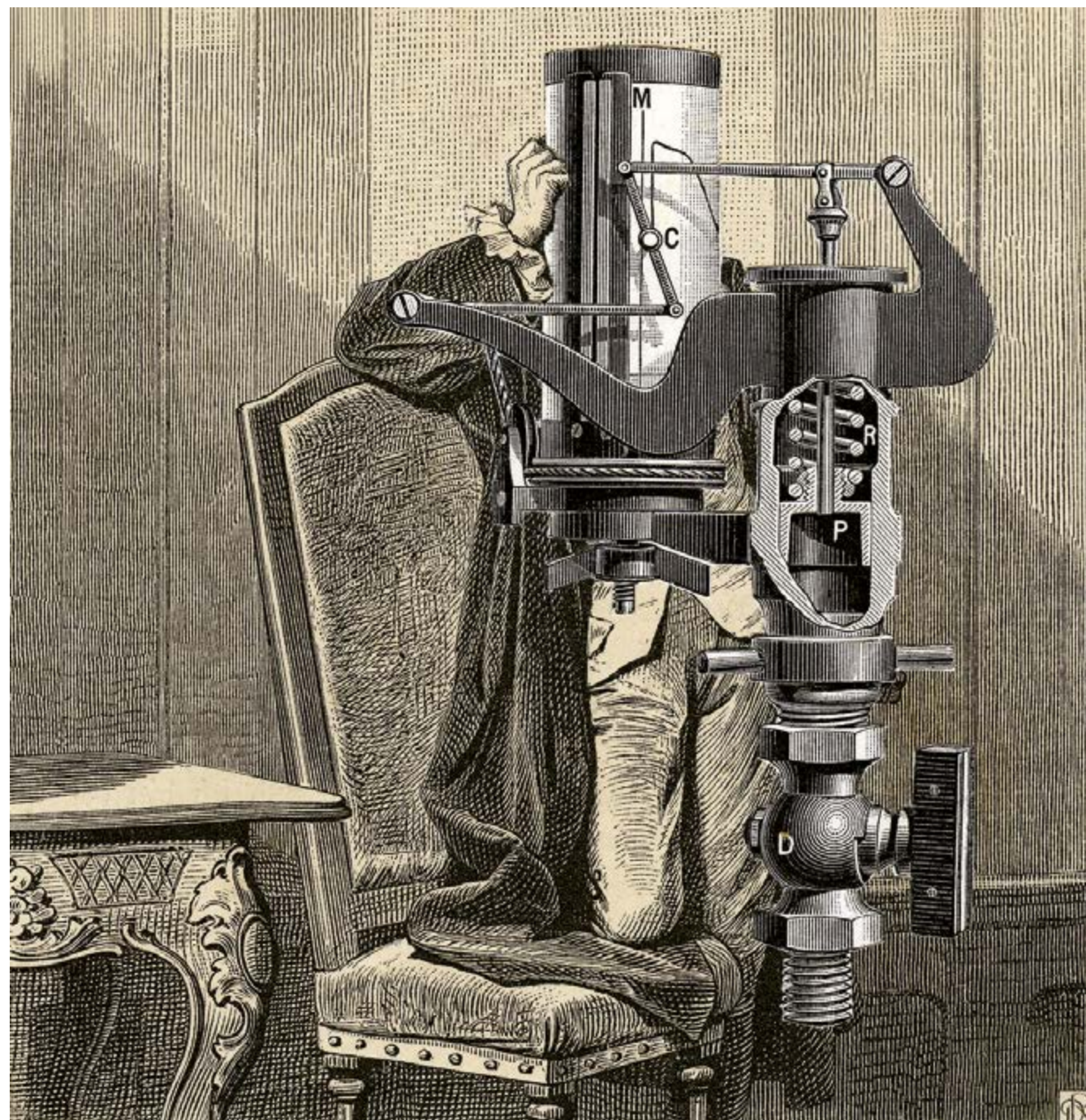
Gravura | 51 x 38 cm | Edição 1/1

2015

Série "Clepsidra"



O RITO DA ESTRANHEZA
Gravura | 35 x 51 cm | Edição 1/1
2015
Série "Clepsidra"

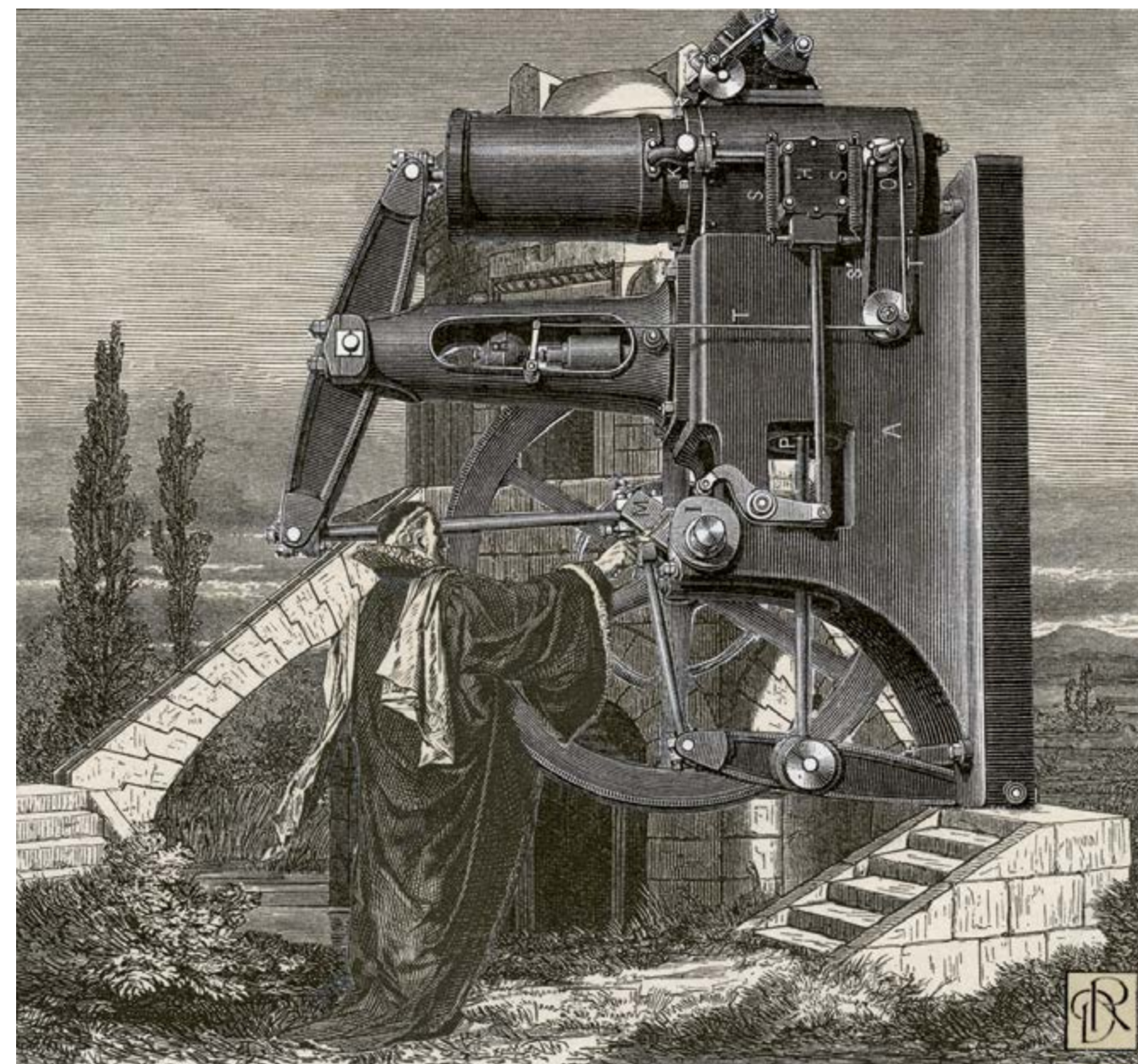


O FILÓSOFO DO MUNDO DO SILÊNCIO

Gravura | 45 x 44 cm | Edição 1/4

2015

Série "Clepsidra"

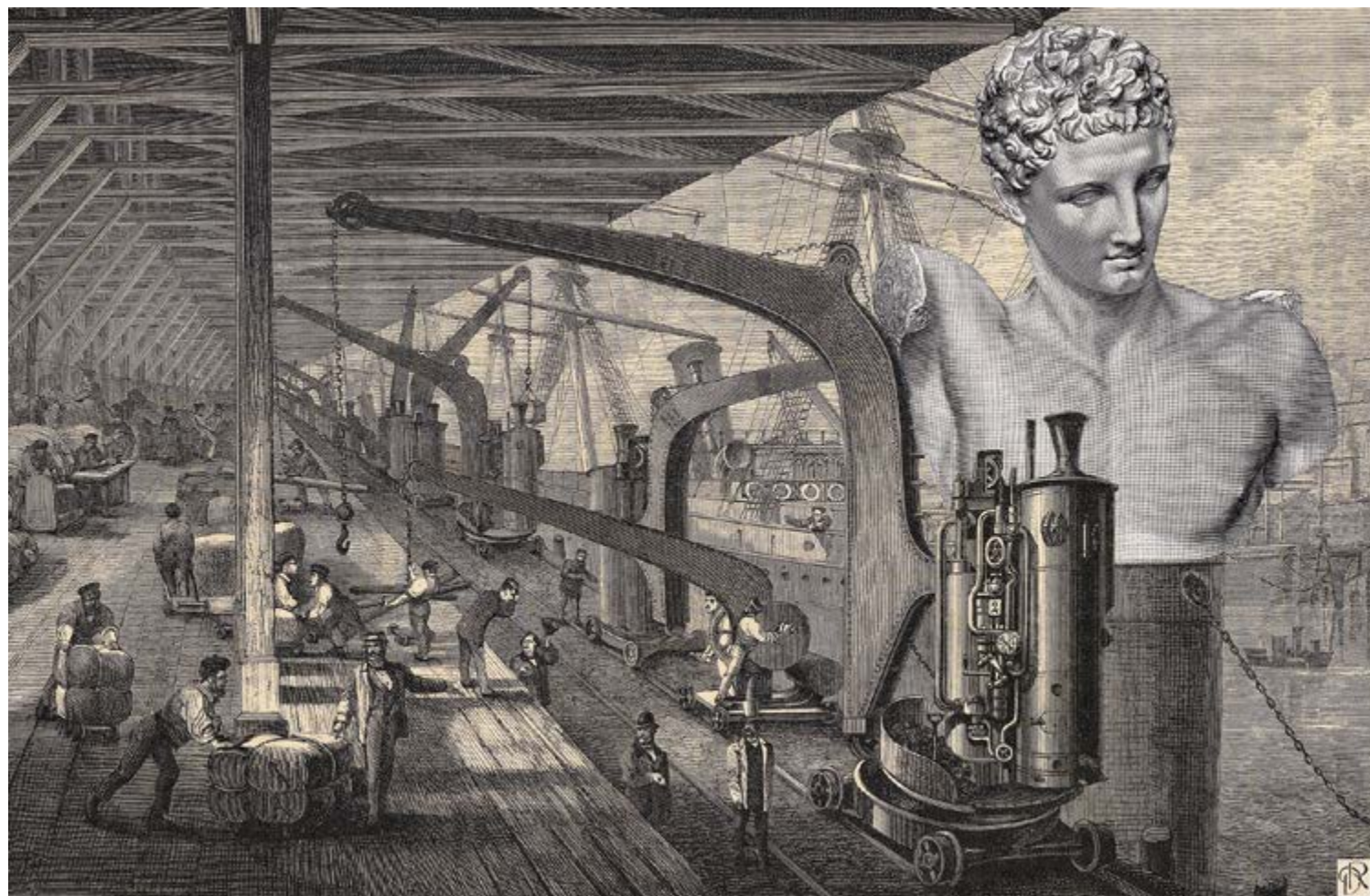


O MELODRAMA DA MÁQUINA

Gravura | 36 x 39,5 cm | Edição 1/1

2015

Série "Clepsidra"

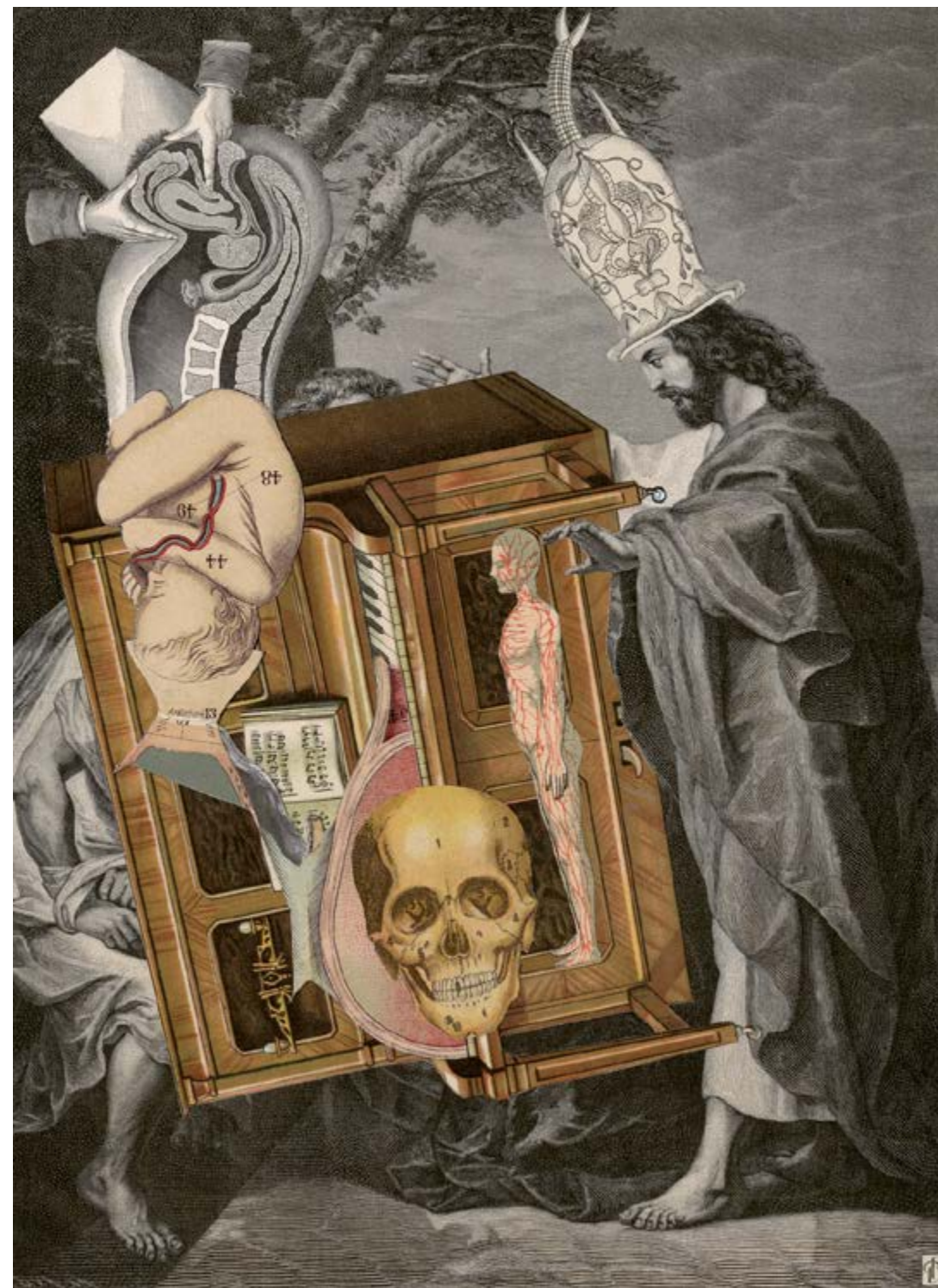


O HERMES CÔNCAVO

Gravura | 40 x 60 cm | Edição 1/7

2015

Da série "Clepsidra"



O MISTÉRIO DA MARCHETARIA

Gravura | 69,5 x 51 cm | Edição 1/7

2015

Série "Clepsidra"



A LITURGIA DA LEVIANDADE

Gravura | 51 x 34,5 cm | Edição 1/7

2015

Série "Metafísicos"



ATAÇA DE CIRCE

Gravura | 34,5 x 51 cm | Edição 1/4

2015

Série "Clepsidra"

Mais do que se fundamentar no virtuosismo que o caracteriza, o pintor curitibano Rones Dumke se destaca como pensador da cultura. Consequentemente, do que representa ser humano, estar no mundo e interagir com ele. Com a história de sua cosmogonia, de sua descoberta ou invenção e da convivência com seus semelhantes e diferentes, seres vivos mais ou menos ativos no misterioso processo de viver.

Por assim pensar, pesquisar e trabalhar, Rones desenvolveu um trabalho evolutivo, mutante, sempre de elevado rigor técnico, que diferencia e estabelece a sua originalidade. A sua unicidade dentro dos múltiplos meios e suportes que utiliza na criação e representação de sua grande arte.

A mostra aqui presente permite ao espectador vislumbrar alguns momentos relevantes de um processo ininterrupto e sempre renovado do fazer artístico. De uma trajetória de mais de quatro décadas que o projetam em nosso campo das artes plásticas.

VIRTUOSE

Nascido em Curitiba em 1949, Rones Tadeu Dumke emerge como destaque na geração de jovens artistas que renova a pintura paranaense na década de 70 e que inclui nomes como Carlos Eduardo Zimmermann, Rubens Esmanhotto, Osmar Chromiec e Bia Wouk.

Autodidata, o artista recebe os primeiros ensinamentos do pai, Lourival, que teve estudos com um descendente do pioneiro da pintura no Paraná, o norueguês Alfred Andersen. Mas é pelo esforço da mimese, pela cópia infatigável das imagens interessantes que lhe aparecem, que ele consegue aprender, refinar o traço e obter o desenho clássico que o aponta como virtuose. Nisso é ajudado pela curiosidade e fome de cultura que o levam a estudar, além dos fundamentos da pintura, as artes da literatura, do cinema e da música.

Nesse início, Rones volta-se para um classicismo que evoca visões de formas calcadas na estatúria grega sob o filtro dos pré-rafaelitas ingleses, em obras influenciadas pelo surrealismo.

Nos anos seguintes, pinceladas da *belle époque* e do cinema dos anos 20 e 30 são visíveis em suaves ombros femininos, olhos maviosos e cabelos esvoaçantes. Mas as colunatas helênicas a se desmanchar podiam ter em sua frente uma moça moderna, de óculos escuros.

Se a musa ostenta, às vezes, um véu de mistério renascentista contra um fundo de edifícios antigos, o discurso pictórico amplia-se na representação de Eros, na sexualidade às vezes indefinida de adolescentes num campo. A paisagem muda, um ambiente pastoril acolhe as jovens figuras que tudo olham, veem, meditam.

Mas trata-se sempre de um pensador contemporâneo a manejar o *crayon*.

O esmero do acabamento, seus traços clássicos e sua obsessão com a perfeição criam para Rones o conceito de grande desenhista. Para a professora e crítica Adalice Araújo, referência da arte do Paraná, “o artista é um dos mais autênticos representantes da Pintura Culta no Brasil. Seus personagens, jovens contemporâneos que usam *jeans*, são os mesmos efêbos helênicos do Classicismo Greco-Romano, do Renascimento Italiano ou do Neoclassicismo do séc. XIX, colocados no universo suspenso de um tempo indefinido”.

GEOMETRISMO/COLAGENS

Assim, é uma grande surpresa quando Rones Dumke deixa de lado o desenho que o consagrou e parte para rumos inteiramente diferentes. A sua mão não busca mais recriar a figura humana. Isso se dá de outros modos.

Uma novidade é a série de exercícios geométricos com lápis sobre papel milimetrado.

Munido de régua e compasso, ele recria as bases do desenho em preto e branco. Os traços do lápis que servem de guia ficam à mostra, evidenciando sobras e marcas da figura criada. Uma é mesmo um compasso duplo, recheado de pequenos quadrados, círculos e retângulos sobre retas, vazadas ou preenchidas. Noutra obra, partes de círculos se sobrepõem e interpenetram. Tons de preto e de cinza preenchem os espaços e mostram a criação que surge. Numa outra ainda, círculos e retas inter cruzadas redundam em triângulos, semicírculos, losangos que se ligam e

diferenciam em tons sucessivos entre o preto e o branco. Outro trabalho mostra o rigor resultante de faixas pretas e brancas que se cruzam e intercalam.

As sutilezas explodem nos desenhos geométricos feitos com lápis de cor. O abstracionismo resulta em tons e semitons que se opõem e se completam. Figuras complexas surgem. O fio do lápis não tem mais sobras: se aparece, é elemento constitutivo, linha mestra, sobre a qual as cores brincam. Temos o desenvolvimento das formas e o contraponto do uso das cores.

Se isso cria novas perspectivas para o mundo do artista, outras se desvelam na opção pela colagem, método radical para quem sabe desenhar muito bem.

Rones resolve retrabalhar as dimensões surgidas nas primeiras décadas do século XX, com a remontagem de imagens pelo dadaísmo e extremadas pelo surrealismo. Max Ernst é referência.

Próximo à busca pela torrente de inconsciência, Rones passa a elaborar centenas de colagens com recortes de gravuras de todo tipo que acumulou ao longo dos anos. Associações e analogias de todas as formas brotam. Quase que se combinam por conta própria nas mãos do artista. O que consegue é o surrealismo de imagens poderosas e inusitadas que se aproximam dos arquétipos junguianos, a linguagem básica das formas que se reflete em todas as culturas, baseadas no dicionário interno de Rones, seu repertório originado pela vivência e décadas de pesar artístico.

Isso fica evidente no livro *Clepsidra*, onde suas imagens dialogam com poemas do escritor Otávio Duarte.

OCIDENTES E ORIENTES

A exposição *Ocidentes e Orientés* revela novo avanço.

Rones deixa mais clara sua ponderação entre o racionalismo ocidental e a internalização oriental. O contraditório se move pelas atrações.

Em *Ocidentés*, isso é parte da recriação racional da força do construtivismo, do surrealismo e do dadaísmo. A reflexão de Rones utiliza recortes de fotos, cartazes, manchetes em várias línguas de jornais e revistas para atualizar os

movimentos que deram novos rumos à arte do século XX.

O acaso está presente nas frases e títulos de fontes variadas a rememorar a tradição hermética: “Os que vivem no Écran”, “O fantasma do Caolho”, “Não existe Melhor Medicamento”, “Es la aversión de los hombres”, “Des Animaux”, “Mundo Encantado”, “Riche album de l’enfance”...

Os títulos dos trabalhos reforçam a ironia na reconstrução do mundo, tendo relação ou não com as obras: “A Biblioteca das Maravilhas”, “Água Destilada”, “Max”, “Do Vidro e do Cristal”, “Marina”, “A Caixa de Pandora”, “Alegre Despedida”, “A Vida”, “Num Lago Tranquilo”, “O Filho da Criada”...

ORIENTES

Nesta segunda parte da série, Rones fundamenta-se em imagens clássicas, numa ambientação zen e enigmática. A *Vênus* pode ter sido representada nesse Oriente. Eros também. Buda, certamente.

O traço e a tinta intervêm em diálogo e complementaridade com as construções da colagem. Alquímico sempre, ele funde as técnicas também no uso de recortes de imagens de pinturas e de esculturas sobre estudos médicos da anatomia humana. Sobre a crueza de nossas intimidades sobressai a representação de ideais de beleza. Figuras alteradas, muitas vezes com duplos, reversos antípodas. Espelhos.

As frases da série do Ocidente transmutam-se em revelações de sínteses aleatórias: “Expulso da mesa de refeições”, “Um sério movimento”, “Mulheres sem rosto”, “O melhor Triunfo”, “Enquanto o rei caça raposas”, “Cheias de Lama”, “Um fator comum”...

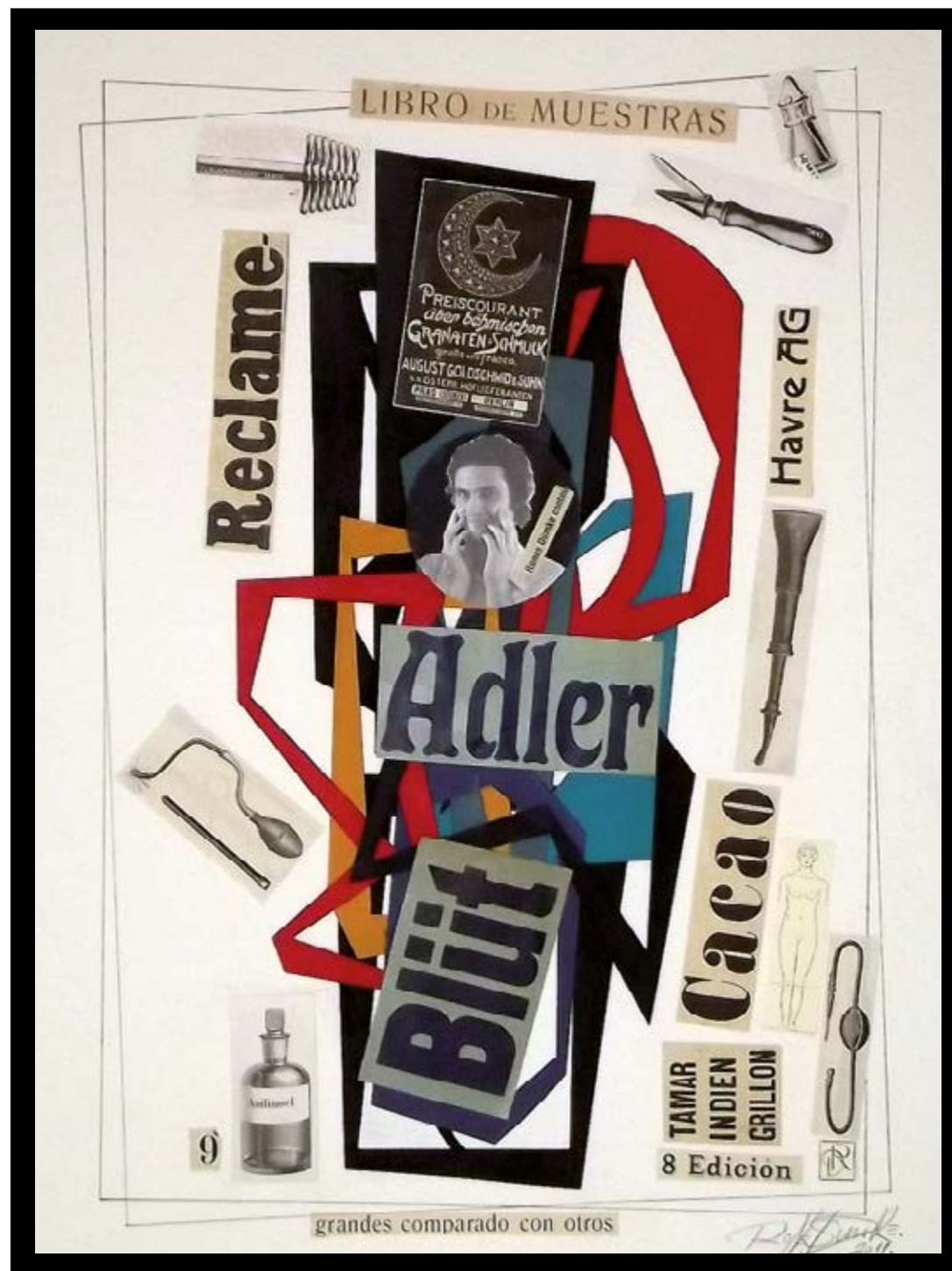
São sutras budistas: a essência de afirmações essenciais sem elaboração, explicação ou ornamento.

Entre a racionalidade ocidental e a interioridade oriental, Rones desconstrói o espaço linear para refazer mundos em múltiplas fusões. Partidário da doutrina da ideia, do rigor formal e apreciador dos enigmas, faz a síntese dialética do abstrato e do figurativo. Tudo é trazido para a clareza fulgurante da arte.

POR OTÁVIO DUARTE



TESOUROS DA ARTE
 Colagem | 78 x 58 cm
 2011
 Série "Ocidentes e Orientes"



AUTO RETRATO
 Colagem | 78 x 58 cm
 2011
 Série "Ocidentes e Orientes"



DES ANIMAUX

Colagem | 78 x 58 cm

2011

Série "Ocidentes e Orientes"



ALEGRE DESPEDIDA

Colagem | 78 x 58 cm

2011

Série "Ocidentes e Orientes"



PEDRAS E METAIS
 Colagem | 18 x 58 cm
 2011
 Série "Ocidentes e Orientes"



MUNDO ENCANTADO
 Colagem | 18 x 58 cm
 2011
 Série "Ocidentes e Orientes"



RONES DUMKE

Pintor e desenhista, Ronés Dumke nasceu em 1949 em Curitiba, onde vive atualmente. Frequentou o ateliê de Carlos Scliar. Participou do 28º e 30º Salões Paranaenses, recebendo o Prêmio Secretaria da Cultura como Melhor

Artista Paranaense no 37º Salão, de 1980. Em 1976 exhibe mostra individual na Galeria Paulo Prado, em São Paulo e, a convite de Roberto Pontual, expõe sua obra no Arte Agora I, no Museu de Arte Contemporânea do Rio de Janeiro. Também como convidado, participa da mostra “Artistas do Brasil” na Embaixada do México em Brasília, em 1979. Em julho do mesmo ano, recebe o Prêmio MAC (Museu de Arte Contemporânea) do Paraná na I Mostra do Desenho Brasileiro (SEC/DAC – Curitiba). Uma sala especial foi-lhe dedicada por Ennio Marques Ferreira em 1980 por ocasião da II Mostra do Desenho Brasileiro. Sua obra vai aos Estados Unidos em 1982, por meio do Comitê Paraná-Ohio, National Association of the Partners of the Alliance, inc-USA-Ohio. Em seguida, lança a série “Curitiba/Caprichos” na Galeria Simões de Assis, em julho de 1984. “Emblemas/Labirintos Culturais” (1991) e “Curitiba Alusiva” no espaço IBM (1993) tiveram a curadoria de Cassiana Lacerda. Vieram depois “Clones de Ronés” no Solar do Rosário (1996) e “A carne dos Deuses” no MAC (2002), com poema de Antônio Cláudio Carvalho. Em março de 2005, inaugura seu 1º mural no bloco de pós-graduação e extensão do Centro Universitário Positivo (Unicamp). Em 2007, publica o livro “Clepsidra” em parceria com o escritor Otávio Duarte. Em 2013, revelou novos trabalhos na exposição “Orientes e Ocidentes” na Galeria da Casa Andrade Muricy, além da participação na mostra “Tupi or not Tupi” no MON em 2014. Suas obras se encontram em coleções particulares no Brasil, França, Estados Unidos, Grã-Bretanha e em acervos de museus.

RONES TADEU DUMKE

CURITIBA – 1949

Frequentou o atelier de Carlos Scliar
Contatos com Germano Blum e Christoff Saegesser
(Basileia)

PARTICIPAÇÕES

- 28º Salão Paranaense – Sesi – Curitiba (1971)
- 15º Salão de Artes Plásticas para Novos – SEC/DC – Curitiba (1971)
- 5º Surrealistas Paranaenses – CCBEU – Curitiba (1972, 1974)
- Paraná Arte Hoje – Teatro Paiol – Curitiba (1973)
- 30º Salão Paranaense – Teatro Guaíra – Curitiba (1973)
- Galeria Acaiaca – Curitiba (1974)
- Galeria Acaiaca – Curitiba (1975)
- Arte Agora – Museu de Arte Moderna – Rio de Janeiro
- Mostra do Desenho – Diretoria de Assuntos Culturais – Curitiba (1976)
- Galeria Acaiaca – Curitiba (1977)
- Panorama de Arte no Paraná/IV: Artistas Contemporâneos – BADEP – Curitiba (1977)
- Artistas de Curitiba – Galeria Funarte Sérgio Milliet – Rio de Janeiro (1978)
- Galeria Acaiaca – Curitiba (1979)
- 21º Artistas do Brasil – Embaixada do México – Brasília (1979)
- 1ª Mostra do Desenho Brasileiro – Teatro Guaíra – Curitiba (1979)
- 2ª Mostra do Desenho Brasileiro – Teatro Guaíra – Curitiba (1980)
- Galeria Momento Arte – Curitiba (1980)
- 1º Encontro Nacional dos Críticos de Arte, Grupo Artistas Independentes – Senac – Curitiba (1980)
- Artists from Ohio's Brazilian Sister – USA (1980)

- Salão Internacional de Desenho – Fundação Joan Miró – Barcelona (1980)
- 15º Desenhistas do Paraná – MASC – Florianópolis (1981)
- MARGS – Porto Alegre (1981)
- Bolsa de Arte de Porto Alegre (1981)
- Desenhistas do Paraná – Palácio das Artes – Belo Horizonte (1982)
- 4ª Mostra do Desenho Brasileiro – Teatro Guaíra – Curitiba (1982)
- Comitê Paraná-Ohio, National Association of the Partners of the Alliance, Inc. USA – Ohio (1982)
- Galeria Ida e Anita – Curitiba (1982, 1983)
- Galeria Momento Arte – Curitiba (1983)
- Artistas do Paraná no Centro Cultural da Fundação Armando Alvares Penteado – São Paulo (1984)
- Mostra Inaugural – Simões de Assis Galeria de Arte – Curitiba (1984)
- Mostra do Acervo – Simões de Assis Galeria de Arte – Curitiba (1984)
- Retrospectiva de Artistas Paranaenses – Museu Guido Viaro – Curitiba (1985)
- Pinturas Recentes – Simões de Assis Galeria de Arte – Curitiba (1985)
- Arte Mate – IBM – Espaço Cultural/Palacete Leão Júnior – Curitiba (1987)
- Reflexão dos Anos 80 – MAC – Curitiba (1991)
- Orientou Oficina Especial de Pintura – Atelier de Arte do Museu Alfredo Andersen – Curitiba (1994)
- Projeto do Mês – Ciclo Alfredo Andersen – Curitiba (1998)
- Mostra Coletiva de Artes Visuais – Galeria Arte Singular Meyer Pereira – Curitiba (2002)
- Exposição “Tupi or Not Tupi” – Museu Oscar Niemeyer – Curitiba A(2014)

INDIVIDUAIS

- Galeria do CCBEU – Curitiba (1974)
- Galeria Acaiaca – Curitiba (1975)

- Galeria Paulo Prado – São Paulo (1976)
- Galeria Momento Arte – Curitiba (1981)
- Galeria Dell'Arte – Curitiba (1989)
- Galeria Acaiaca – Curitiba (1991)
- Espaço Cultural IBM/Palacete Leão Júnior – Curitiba (1993)
- Museu Alfredo Andersen – Curitiba (1994)
- Solar do Rosário – Curitiba (1996)
- Memorial de Curitiba – Curitiba (1999)
- Galeria Arte Singular Meyer Pereira – Curitiba (2001)
- Museu de Arte Contemporânea do Paraná – Curitiba (2002)
- Museu Alfredo Andersen – Curitiba (2010)
- Casa Andrade Muricy – Curitiba (2013)

PREMIAÇÕES

- Menção Honrosa – 15º Salão de Artes Plásticas para Novos – Curitiba (1971)
- Prêmio Aquisição Fundação Teatro Guaíra – 30º Salão Paranaense – Curitiba (1973)
- Prêmio Museu de Arte Contemporânea do Paraná – 1ª Mostra do Desenho Brasileiro – Curitiba (1979)
- Prêmio Sec. da Cultura e do Esporte, Melhor Artista Paranaense – 37º Salão Paranaense – Curitiba (1980)
- Sala Especial – 2ª Mostra do Desenho Brasileiro – SECE/MAC – Curitiba (1980)



BIBLIOTECA DAS MARAVILHAS

Colagem | 18 x 58 cm

2011

Série "Ocidentes e Orientes"



MAX
 Colagem | 18 x 58 cm
 2011
 Série "Ocidentes e Orientes"



VÊNUS
 Colagem | 18 x 58 cm
 2011
 Série "Ocidentes e Orientes"

“Através de suas obras paira um sentido estático asfíxiante, pesado, mortal, como se todo o juízo fosse suspenso num instantâneo em que as coisas mais nuas e escondidas viessem à tona. Isso prova a verdadeira modernidade do artista.”

(Adalice Araújo, 1975)

“Para Rones Dumke, o mundo é o que sonhamos, e os nossos sonhos refletem o mundo.”

(Adalice Araújo – Rones Dumke na galeria do Centro Cultural Brasil/Estados Unidos, 1974)

“Com um clima beirando ao surrealismo, a arte de Rones Dumke tem sempre como característica uma assepsia que vem dos limites da alma.”

(Aurélio Benitez, 1975)

“Com acentuado teor onírico, um tênue realismo e uma invulgar quietude filosófica, Rones Dumke apresenta um universo em que a beleza das coisas ainda comanda o espetáculo.”

(Aurélio Benitez, 1974)

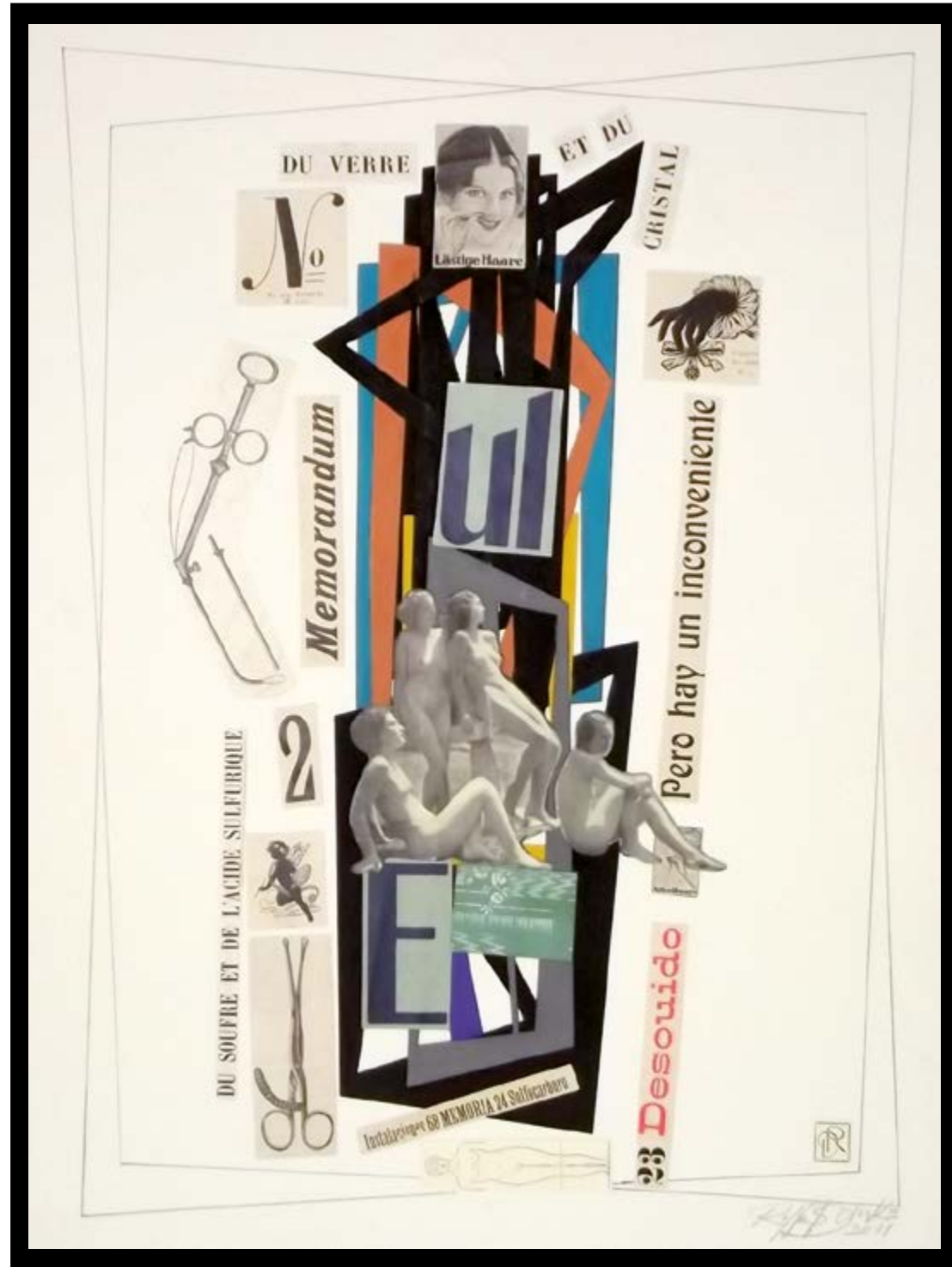


AS ARTES DO DESENHO

Colagem | 18 x 58 cm

2011

Série "Ocidentes e Orientes"



DO VIDRO E DO CRISTAL
 Colagem | 78 x 58 cm
 2011
 Série "Ocidentes e Orientes"



PROCURE-NOS PARA COMPRAR
 Colagem | 78 x 58 cm
 2011
 Série "Ocidentes e Orientes"



OS BRINQUEDOS MÍSTICOS
 Colagem | 178 x 58 cm
 2011
 Série "Ocidentes e Orientes"

“Se espaço e tempo são categorias da existência humana, é dessa experiência subjetiva que a arte de Rones Dumke se apropria para nos levar a domínios da percepção de um espaço de imaginação e fantasia que produzem mapas mentais, como miragens da coisa supostamente Real.”

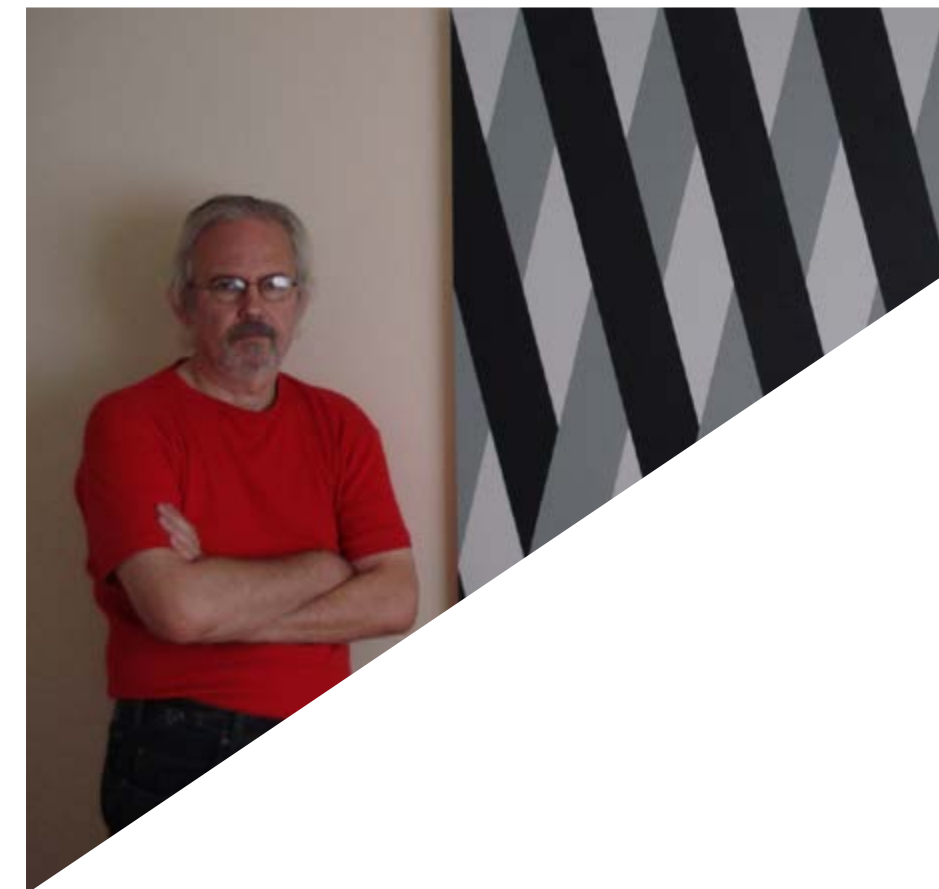
(Cassiana Lícia de Lacerda – Momentos/Movimentos na Obra de Rones Dumke, 2001)

“Num mundo invadido pelos pré-fabricados, pela agiotagem institucionalizada e pela negação de valores que decretam a morte do ser humano e da arte, a obra de Rones Dumke impõe-se como uma profissão de fé, como uma oração à capacidade do ser humano de sonhar e criar, apesar de tudo...”

(Adalice Araújo – Rones Dumke / Galeria Momento Arte, 1981)

“A imaginação criadora de Rones Dumke constrói um universo onde o mundo objetivo é substituído pela poesia; a linha descritiva, pelo simbolismo linear; a ambientação e as cores reais, pelo clima e cores do sonho.”

(Adalice Araújo – Sala especial de Rones Dumke, 1980)





O PRATICANTE DO EXTRAORDINÁRIO
 Óleo e colagem sobre tela | 140 x 86 cm
 2013
 Série "Poética do Espaço"

Mesa Diretora da Câmara dos Deputados	Coordenação do Projeto Centro Cultural Câmara dos Deputados SECOM
Presidente Eduardo Cunha (PMDB/RJ)	Secretário de Comunicação Social da Câmara dos Deputados Cleber Verde
1º Vice-Presidente Waldir Maranhão (PP/MA)	Diretor Executivo de Comunicação Social Claudio Guimarães Lessa
2º Vice-Presidente Giacobo (PR/PR)	Direção do Centro Cultural Isabel Martins Flecha de Lima
1º Secretário Beto Mansur (PRB/SP)	Curadoria Eduardo Beirith
2º Secretário Felipe Bornier (PSD/RJ)	Produção Lu Alencar
3º Secretário Mara Gabrilli (PSDB/SP)	Projeto Gráfico Israel Cerqueira Diego Justino
4º Secretário Alex Canziani (PTB/PR)	Expografia André Ventorim
Suplentes Mandetta (DEM/MS) Gilberto Nascimento (PSC/SP) Luiza Erundina (PSB/SP) Ricardo Izar (PSD/SP)	Montagem da Exposição Edson Caetano Wendel Fontenele Paulo Titula Víctor de Paiva
Procurador Parlamentar Claudio Cajado (DEM/BA)	Conservação Seção de Conservação e Restauração da Câmara dos Deputados - Cobec/Cedi
Corregedor Parlamentar Carlos Manato (SD/ES)	Revisão de textos Maria Amélia de Amaral e Elói
Diretor-Geral Rômulo de Sousa Mesquita	Fotografia Guilherme Ternes
Secretário-Geral da Mesa Sílvio Avelino da Silva	Assessoria de Imprensa C. André Laquintinie
	Administração Régia Cristina Silva
	Plotagem WL Serviços
	Impressão (catálogo) Coordenação de Serviços Gráficos - CGRAF/DEAPA

Agradecimentos

Otávio Duarte, Fernando Bini e Jorge Bernardi

Contato

Eduardo Beirith
 Tv. Nestor de Castro, 223 | Loja 02 Centro | Curitiba/PR
 55 (41) 3027 4741 55 (41) 9647 3357
 alexandriacuritiba@gmail.com
 www.alexandriaartelivros.com.br

Apoio Cultural

Alexandria Arte e Livros

Brasília, outubro de 2015

CONHEÇA

as galerias de arte

da Câmara dos Deputados



Fotografia: Luis Macedo

Gabinete de Arte

Gabinete da Presidência - Edifício Principal



Fotografia: Zeca Ribeiro

Salão de Arte

Galeria de Arte do 10º andar - Anexo IV



Fotografia: Lúcio Bernardo Jr.

Exposições Históricas

Corredor de Acesso ao Plenário Ulysses Guimarães



Fotografia: Luiz Marques

Exposições Especiais

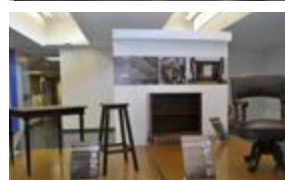
Salão Negro - Edifício Principal



Fotografia: Ananda Borges

Câmara das Artes

Galeria de Arte do Salão Nobre - Edifício Principal



Fotografia: Luis Macedo

Exposições Institucionais

Espaço do Servidor - Anexo II





Centro Cultural

Secretaria de
Comunicação Social

